

As implicações da “Revolução do Xisto” na grande estratégia dos Estados Unidos

Tulio Cezar Bunder¹

Resumo

A busca pela segurança energética tem sido um dos pilares de sua política externa dos Estados Unidos desde o primeiro Choque do Petróleo em 1973. A partir de então, se observou o desenvolvimento gradual de uma ampla estratégia de Washington para garantir a segurança da oferta de petróleo no mercado internacional, evidenciada por um maior engajamento político, econômico e/ou militar nas regiões ricas em recursos energéticos. A condição de dependência dos EUA perante ao petróleo estrangeiro aumentou vertiginosamente da década de 1970 até meados dos anos 2000, alarmando a sociedade civil e governamental. Todavia, através de uma combinação de fatores – geológicos, econômicos, sociais, institucionais e de inovação tecnológica – a exploração do xisto que antes era comercialmente inviável foi desbloqueada e, assim, impulsionou um *boom* produtivo nos EUA. A “Revolução do Xisto” elevou os EUA ao topo da produção mundial de petróleo e gás natural e, conseqüentemente, alterou drasticamente a balança energética mundial. Deste modo, o objetivo central deste trabalho é demonstrar as implicações da Revolução do Xisto na política externa dos Estados Unidos entre 2008 e 2018.

Palavras-chave: Estados Unidos; Revolução do Xisto; Geopolítica do Petróleo e Gás.

The implications of "The Shale Revolution" on the grand strategy of the United States

Abstract

The pursuit of energy security has been, for the United States, one of the pillars of its foreign policy since the first Oil Shock in 1973. From then on, was observed the gradual development of a broad Washington strategy to ensure security. oil supply and transportation in the international market, as evidenced by greater engagement - whether political, economic or military - in energy-rich regions. The US dependency on foreign oil increased dramatically from the 1970s to the mid-2000s, alarming civil society, and rulers. However, through a combination of factors - geological, economic, social, institutional and technological innovation - exploitation of shale that was previously commercially unviable has been unblocked and thus spurred productive growth in the US. A “Shale Revolution” has elevated the US to the top of world oil and natural gas production and has consequently drastically altered the world's energy balance. In this way, the central objective of this paper is to demonstrate how implications of the Shale Revolution on US foreign policy between 2008 and 2018.

Keywords: United States; Shale Revolution; Oil and Gas Geopolitics.

Las implicaciones de la “Revolución del Shale” en la gran estrategia de Estados Unidos

Resumen

La búsqueda de la seguridad energética ha sido uno de los pilares de la política exterior de los Estados Unidos desde el primer choque petrolero en 1973. Desde entonces, ha habido un desarrollo gradual de una amplia estrategia de Washington para garantizar la seguridad del suministro de petróleo en el país. mercado internacional, evidenciado por un mayor compromiso político, económico

¹ Mestrado em Energia pela Universidade Federal do ABC (2019). Contato: tcbunder@hotmail.com

y / o militar en regiones ricas en recursos energéticos. La dependencia de Estados Unidos del petróleo extranjero aumentó dramáticamente desde la década de 1970 hasta mediados de la de 2000, lo que alarmó a la sociedad civil y gubernamental. Sin embargo, a través de una combinación de factores -innovación geológica, económica, social, institucional y tecnológica- se desbloqueó la explotación de esquisto que antes no era comercialmente viable y, así, se impulsó un boom productivo en EE. UU. La “revolución del esquisto” elevó a Estados Unidos a la cima de la producción mundial de petróleo y gas natural y, en consecuencia, alteró drásticamente el balance energético mundial. Así, el principal objetivo de este trabajo es demostrar las implicaciones de la Revolución del Shale en la política exterior de Estados Unidos entre 2008 y 2018.

Palabras clave: Estados Unidos; Revolución del Shale; Geopolítica del Petróleo y Gas.

Introdução

Entende-se, neste estudo, que o petróleo não pode ser encarado como uma simples mercadoria, e sim como um insumo que contribui para determinar a hierarquia dos Estados no cenário internacional. Principal insumo energético do século XX e também do início do século XXI, esse produto se insere no cenário internacional como base em duas lógicas simultâneas: a econômica e a estratégica. Neste sentido, o analista energético Daniel Yergin (1991, p. 13) afirma que nenhuma outra atividade comercial influencia tão duramente o mercado, definindo os riscos e oportunidades, além de impactar profundamente no destino das economias, como o petróleo. Após os dois grandes Choques do Petróleo (1973 e 1979), a dimensão geopolítica do petróleo foi escancarada, marcando um ponto crucial do novo ordenamento mundial. Desde então, o conceito de "Segurança Energética" vem sendo cada vez mais empregado nas discussões referentes à política internacional. Ademais, os recursos energéticos passaram a ser questão de *high politics* para diversos Estados, onde devido à grande participação dos combustíveis fósseis na matriz energética mundial, qualquer desequilíbrio nos níveis de oferta pode acarretar uma crise internacional (FUSER, 2013, p.87; DANNREUTHER, 2013, p.79; TEMEL, 2012, p.1-6; VIDAKIS, 2017, p.41).

Petróleo e gás natural representam mais da metade do consumo primário de energia no globo – 32% e 22%, respectivamente (IEA, p.5, 2017) –, e com enorme potencial de impactar a política e a economia. Cabe ressaltar que esses insumos possuem a combinação inigualável entre preços e capacidade de produção por unidade de massa e volume. Em termos de prospecção, tudo indica que o consumo

primário de energia seguirá crescente. Mesmo com a ascensão das energias alternativas/renováveis e das diversas políticas nacionais e acordos internacionais – como o Tratado de Paris – de substituição dos combustíveis fósseis para a contenção das emissões de CO₂, o petróleo e gás natural seguirão preponderantes pelas próximas décadas. Através do exame de diversos relatórios – *International Energy Agency* (IEA, 2016, p. 59-66 ; IEA, 2017, p.327-328), *Energy Information Administration* (EIA, 2017, p.34), *Analytical Center for the Government of the Russian Federation* (ACGRF, 2016, p. 42), Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP, 2017, p.109-110) – se pode constatar que não haverá modificações significativas na participação do petróleo e gás no mix energético mundial. Assim, as tendências indicam para uma queda da preponderância relativa do petróleo na matriz energética global, entretanto, com aumento no consumo absoluto de 95mbd para em torno de 105mbd até 113mbd (variando de acordo com o cenário e a organização). Já em relação ao gás, há também unanimidade em relação ao crescimento do consumo anual em aproximadamente 1,5% ao ano, alavancando a participação do gás natural no *mix* energético mundial para 24% a 25% em 2040.

Tendo em vista essa condição estratégica do petróleo e do gás natural no cenário internacional, é de extrema importância a compreensão das dinâmicas e disputas pelo controle destes recursos energéticos. Assim, o estudo da Revolução do Xisto e seus drásticos impactos na balança energética mundial é imprescindível para a compreensão da geopolítica energética do século XXI. Ademais, o presente trabalho busca contribuir no debate da Geopolítica da Energia, um campo das Relações Internacionais e da Geografia Política ainda com reduzido número de produções comparadas à outras temáticas. A partir destas motivações, o objetivo geral do presente trabalho é demonstrar as implicações da Revolução do Xisto na política externa dos Estados Unidos.

Mudanças no panorama petrolífero dos Estados Unidos

A relação entre política externa dos EUA e recursos energéticos – sobretudo petróleo – vem sendo foco de debate constante nas Relações Internacionais, onde grande parte da literatura das últimas décadas focou na condição de dependência dos EUA perante ao petróleo estrangeiro e sua relação com as intervenções militares em regiões petroestratégicas – vide Golfo Pérsico e as duas guerras do

Iraque. Cerca de dez anos atrás o suprimento mundial de petróleo parecia ter atingido seu pico de produção, e haviam prognósticos de que os EUA se tornariam também importadores de gás natural. Estes temores foram externados pelo presidente George W. Bush no Discurso para o Estado da União de 2006: “*Keeping America competitive requires affordable energy. And here we have a serious problem: America is addicted to oil, which is often imported from unstable parts of the world*”².

Como pode ser observado no Gráfico 1, no período de 2001 a 2006 a quantidade de petróleo importado pelos EUA aumentava a cada ano. Relatório da *US Energy Information Agency* (2005) estimava que as importações totais de petróleo dos EUA aumentariam de 12,3mbd para 20,2mbd até 2025. Todavia, essas previsões se mostraram extremamente equivocadas e a simplificação das condições de dependência dos EUA se tornaram datadas no período em análise.

O balanço petrolífero mundial se alterou drasticamente na presente década. O desenvolvimento de novas técnicas de exploração – como *fracking* e perfuração de águas profundas – foram capazes de desbloquear recursos que antes eram comercialmente inviáveis, e que somados às novas descobertas em outras regiões do globo, realocaram significativamente a oferta do petróleo mundial – inclusive mantendo o preço bem abaixo dos níveis da década de 2000. Assim, a preponderância global dos fornecedores tradicionais de petróleo e gás da Eurásia diminuiu – principalmente do Oriente Médio –, à medida que novos produtores exploravam gás e petróleo com formas não convencionais em todo o mundo – das águas profundas do Brasil ao betume do Canadá. Entretanto, a “*real geopolitical shift is the shale-energy revolution that took off in the past decade.*”³ (NYE, 2014, n.p.), onde os produtores se beneficiaram da combinação de duas tecnologias aprimoradas – a perfuração horizontal múltipla e o fraturamento hidráulico – para desbloquear recursos que antes eram comercialmente inviáveis e, assim, impulsionaram um *boom* produtivo em países como os EUA (ver Gráfico 1). (BLACKWILL; O’SULLIVAN, 2014; NYE, 2014).

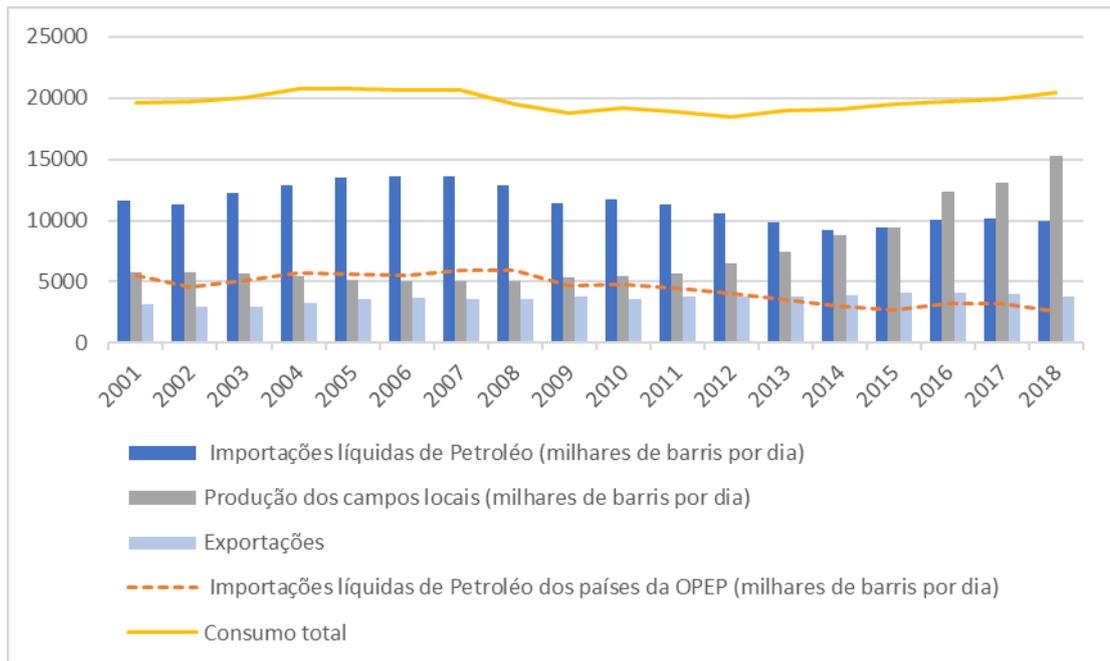
² "Manter a América competitiva requer energia acessível. E aqui temos um problema sério: a América está viciada em petróleo, que é frequentemente importado de regiões instáveis do mundo." (tradução nossa).

³ "A verdadeira mudança geopolítica é a revolução do xisto que despontou na última década." (tradução nossa).

A Revolução do Xisto conseguiu reverter o longo declínio da produção de petróleo estadunidense – de 1971 a 2008 –, triplicando a produção entre 2008 e 2018 e reduzindo significativamente sua condição de dependência. Não obstante, os Estados Unidos se tornaram os maiores produtores mundiais de gás natural – 28,5bpcd em 2018 – e petróleo bruto – aproximadamente 11mbd em 2018 –, superando Rússia e Arábia Saudita. Ademais, em 2019 os EUA se tornaram o terceiro maior exportador de gás natural liquefeito (GNL) do mundo, com média de 4,2bpcd (EIA, 2020).

O *boom* produtivo não ocorreu apenas por fortuna geológica, além disso, uma convergência distinta de fatores proporcionou a Revolução do Xisto. Primeiramente, a implantação de um regime distinto de propriedade privada que concede o direito da exploração do subsolo. Em segundo lugar, uma vasta infraestrutura energética – grande rede dutoviária e instalações de refino e armazenamento – já estabelecida nos EUA antes da revolução produtiva. Em terceiro, a disponibilidade de crédito e financiamentos pelos mercados de capitais. Em quarto, a fragmentação do setor petrolífero em inúmeras empresas – tanto nos setores de serviços como exploratórios – proporcionou ambiente competitivo favorável para a exploração não convencional do xisto. Por fim, os EUA detêm sofisticados capitais humanos nos ramos da geologia e engenharia do petróleo (BLACKWILL; HARRIS, 2016; BLACKWILL; O'SULLIVAN, 2014; THOMAS, 2018).

Os obstáculos ao desenvolvimento da Revolução do Xisto se encontraram, sobretudo, nas questões ambientais – como os impactos do *fracking* em lençóis freáticos e a perpetuação do uso de combustíveis fósseis. Todavia, as administrações de Bush 43º e de Obama (que detinha forte retórica ambiental no desenvolvimento sustentável) não travaram de forma significativa o avanço vertiginoso da produção de hidrocarbonetos. Ademais, as administrações referidas, quando confrontadas por protestos da sociedade civil e a oposição parlamentar, optaram por usar a provisão do federalismo e terceirizar a decisão final para os próprios entes federativos (THOMAS, 2018, p.31).

Gráfico 1 - Panorama Petrolífero dos EUA (2001-2018)⁴

Fonte: elaborado pelo autor com dados da EIA (2020) e British Petroleum (2019).

As implicações estratégicas da Revolução do Xisto para os EUA não devem ser subestimadas, ela impulsionou a economia norte-americana e, por extensão, o poder nacional abrangente do país. A cadeia produtiva do xisto gerou ainda muitos empregos – em um período de crise –; permitiu a redução de importações (auxiliando na balança de pagamentos); e gerou novas receitas fiscais que auxiliaram no orçamento governamental. Ademais, a abundância de gás e petróleo acarretou no barateamento da energia no país e, conseqüentemente, no aumento da competitividade econômica das empresas dos EUA vis-à-vis com União Europeia e China. Neste sentido, indústrias intensivas em consumo energético – como química, petroquímica, cimento e aço – estão se realocando de volta para os Estados Unidos. Por fim, a redução da demanda por petróleo externo – sobretudo de fornecedores instáveis e/ou antagônicos aos EUA – elevou significativamente a segurança energética estadunidense que era tida como o seu “calcanhar de Aquiles” (NYE, 2014; MANNING, 2014; YERGIN, 2012; O’SULLIVAN, 2017; BLACKWILL; HARRIS, 2016).

⁴ O presente trabalho compreende o termo petróleo para além do petróleo bruto (*crude oil* em inglês), onde, se inserem também o betume, gases líquidos/condensados (butano e propano), etc.

Essa mudança significativa da balança energética mundial refletiu em uma retórica altamente otimista, radical e pró-combustíveis fósseis, e portanto negacionista das mudanças climáticas, da atual administração dos Estados Unidos. O presidente Donald J. Trump conclama sobre a “Dominância Energética” que seu país está atingindo, “*the golden era of American energy is now underway*”⁵ (WHITE HOUSE, 2019). Dentre os princípios básicos da estratégia energética do governo Trump, batizada de *America First Energy Plan*, se encontram o enfoque pela produção doméstica de combustíveis fósseis – inclusive o reestabelecimento do setor carvoeiro para o barateamento dos custos de energia, geração de empregos e tornar os EUA um país exportador de recursos energéticos; e, o encerramento/redução de programas e tratados ambientais dos governos anteriores – exemplificado pela denúncia do Tratado de Paris (VAKHSHOURI, 2017).

O petróleo e a grande estratégia dos EUA

A relação entre poder e energia na política externa dos EUA é central para a compreensão da geopolítica mundial do último século até o presente. Inúmeras obras discutiram com precisão e excelência a temática (ENGDAHL, 1992; FUSER, 2008; KLARE, 2004; YERGIN, 1991; MAHDI, 2010), onde se destaca a centralidade do petróleo na política externa dos EUA, além da forte ligação entre o poder perceptivo e material estadunidense e o controle direto ou indireto dos combustíveis fósseis no mundo. Desde os Choques do Petróleo na década de 1970 se pode dizer que a relação entre a política externa estadunidense e seus interesses petrolíferos ficou notória com a escalada da presença estadunidense no Oriente Médio. Os EUA responderam com extraordinária consistência aos desafios impostos pela geopolítica mundial do petróleo, quer se considere os períodos de aumento vertiginoso (2001-2008) como de colapso dos preços (1986 e/ou 1998) (LEHMANN, 2017). A atual estratégia incisiva de Segurança Energética dos EUA começou a apresentar seus primeiros traços quando o presidente Jimmy Carter respondeu à invasão soviética do Afeganistão, anunciando o que ficaria conhecido como Doutrina Carter:

Let our position be absolutely clear: An attempt by any outside force to gain control of the Persian Gulf region will be regarded as an assault on the vital

⁵ “A era de ouro da energia americana está, agora, em andamento.” (tradução nossa).

*interests of the United States of America, and such an assault will be repelled by any means necessary, including military force.*⁶ (CARTER, 1980).

Pela primeira vez na história dos EUA se observou um discurso tão enfático em relação à proteção e emprego do uso da força para proteger o fluxo contínuo de petróleo. O livre acesso para o petróleo do Golfo Pérsico era vital para os interesses norte-americanos e nos meses seguintes ao discurso de Carter, os EUA começaram sua escalada militar no Golfo Pérsico. Jimmy Carter promulgou uma série de medidas para facilitar a projeção estadunidense no Pérsico. A mais clara manifestação da expansão do compromisso militar estadunidense em proteger o acesso ao petróleo do Oriente Médio foi a criação da *Rapid Deployment Force* (RDF), que logo ganhou status do *U.S. Central Command* (USCENTCOM). A mesma postura foi adotada por Ronald Reagan, quando a política de Carter foi estendida, no que veio a ser chamado de Corolário Reagan para a Doutrina Carter.

A proeminência do petróleo do Oriente Médio na estratégia de Defesa Nacional dos EUA não diminuiu à medida que o fim da Guerra Fria se aproximava, pelo contrário. Com a invasão do Kuwait, em 1990, por Saddam Hussein, George H. W. Bush desencadeou a Guerra do Golfo (1991) para proteger o petróleo da região e afirmar a posição dos EUA no mundo pós-Guerra Fria (MAHDI, 2010; KLARE 2016; KRANE; MEDLOCK, 2018; PAINTER, 2012). E com o fim da Guerra Fria, a estratégia global estadunidense passou a priorizar, ainda mais, sua Segurança Energética para a manutenção do *status quo* internacional (KLARE, 2001; YERGIN, 1991; GILPIN, 2001).

Assim, é importante introduzir a conceituação de Grande Estratégia, que pode ser meramente entendida como o uso de todos os instrumentos de poder disponíveis de um Estado para sua segurança – ou de uma Comunidade de Segurança (GREY, 2007; HOOKER, 2014). Desse modo, cabe ressaltar que ela está um nível acima das estratégias para fins específicos – como a Guerra ao Terror e/ou a Segurança Energética. A Grande Estratégia enumera e prioriza as ameaças reais e possíveis que o Estado está sujeito. Onde, a preservação da soberania estatal, sua integridade territorial e sua posição de poder no cenário internacional

⁶ "Deixe que a nossa posição seja absolutamente clara: Uma tentativa por qualquer força externa para ganhar o controle da região do Golfo Pérsico será considerada como um ataque aos interesses vitais dos Estados Unidos da América, e tal ataque será repellido por todos os meios necessários, incluindo a força militar." (tradução nossa).

são as suas prioridades. Para tal, os Estados que seguem uma Grande Estratégia procuram, simultaneamente, concretizar alianças, dotar de capacidades militar, econômica, tecnológica, de inteligência e, se possível, controlar a ordem internacional (HOOKER, 2014; POSEN, 2014).

Na óptica da Grande Estratégia, os EUA endossaram como grande imperativo de sua segurança – desde o fim da IIª Guerra Mundial – a proeminência de uma ordem internacional liberal estável. Essa ordem foi amplamente caracterizada por uma ênfase nas normas e valores liberais – como o liberalismo econômico na forma de comércio relativamente livre; liberalismo político na forma da difusão democrática, além dos direitos humanos e internacional. Essas normas e valores têm se manifestado através de organismos internacionais (BRANDS, 2016). Assim, o objetivo estratégico fundamental de Washington tem-se pautado, ao longo do período pós-Guerra Fria, no estabelecimento de parcerias estáveis, visando criar um ambiente internacional seguro, democrático e próspero que apoia a concorrência do livre mercado (STOKES; RAPHAEL, 2014). Nesse cenário, os Estados Unidos se vê como um império informal baseado em espalhar sua influência econômica, assegurando o livre acesso a bens vitais e matérias-primas, inclusive estabelecendo presença militar em áreas de interesse em prol do *status quo* internacional (MAHDI, 2010).

Assim, o acesso e o controle sobre o suprimento global de petróleo representam condição para a manutenção da ordem liberal e, conseqüentemente, da hegemonia estadunidense. Esta abordagem tem sido particularmente evidente nas regiões produtoras de energia, onde os EUA visam estabelecer o domínio político-econômico – e se necessário, militar – para endossar o seu poder econômico global. Portanto, com o intuito de sustentar a economia americana e as suas forças armadas, os EUA buscaram incessantemente o acesso irrestrito a grandes quantidades de petróleo. Ademais, como *hegemon*, os Estados Unidos são considerados como responsáveis pela estabilidade contínua da economia internacional liberal e o fornecimento de segurança "global". Nesse sentido, o fluxo ininterrupto de recursos energéticos é fundamental para assegurar a ordem internacional vigente. Ademais, o domínio direto ou indireto da geopolítica energética pelos EUA também garante que os Estados rivais sejam incapazes de ter acesso às quantidades de fontes fósseis necessárias para desafiar militar e economicamente a

hegemonia dos EUA. A proteção das áreas de exploração e das rotas comerciais dos recursos vitais para economia, como petróleo e gás, se tornou uma pauta de extrema prioridade na agenda internacional (CHOMSKY, 2003; MAHDI, 2010; MORRIS, 2015; STOKES; RAPHAEL, 2014). No mesmo sentido, o ex-assessor de Segurança Nacional do governo Obama, Thomas E. Donilon (2013), afirmou:

Energy is a profoundly important aspect of U.S. national security and foreign policy: the availability of reliable, affordable energy is essential to economic strength at home, which is the foundation of U.S. leadership in the world (...). Disruptions in supply in one location can have global economic impacts. Energy shapes national interests and international relations. It influences politics, development, governance, and the security and stability of the environment. For all these reasons and more, increasing global access to secure, affordable, and clean energy is a national interest of the United States and a top priority for those of us entrusted with U.S. national security⁷.

Mas as recentes mudanças profundas na conjuntura energética estadunidense e mundial deram margem para os EUA reequilibrarem sua política externa, reorientando o eixo da política externa estadunidense com maior ênfase na estratégia do “Pivô para a Ásia-Pacífico” e na redefinição da atuação nos assuntos do Oriente Médio – iniciando o processo de retirada das tropas na região (JONG; AUPING; GOVERS, 2014, p. 67-68). Assim, em vez de empregar grandes operações militares em terra para garantir o livre fluxo de petróleo e o equilíbrio regional, Washington passou a preferir táticas de apoio a aliados (Estados ou grupos paramilitares) baseadas na utilização das suas forças aéreas e navais – com o emprego de mísseis de cruzeiro e UAV’s (KLARE, 2016): “*For Obama, once American shale energy entered into the equation, he was able to return to his instincts and seek to limit America’s involvement in foreign affairs*”⁸ (THOMAS, 2018, p.49).

⁷ "A energia é um aspecto profundamente importante da segurança nacional e da política externa dos EUA: a disponibilidade de energia confiável e acessível é essencial para a força econômica doméstica, que é a base da liderança dos EUA no mundo. Interrupções no fornecimento em um local podem ter impactos econômicos globais. A energia molda os interesses nacionais e as relações internacionais. Ela influencia a política, o desenvolvimento, a governança e a segurança e a estabilidade do meio ambiente. Por todas essas razões e mais, o aumento do acesso global a energia segura, acessível e limpa é um interesse nacional dos Estados Unidos e uma das principais prioridades para aqueles de nós encarregados da segurança nacional dos EUA." (tradução nossa).

⁸ "Para Obama, uma vez que a energia do xisto americano entrou na equação, ele foi capaz de retornar aos seus instintos e tentar limitar o envolvimento dos Estados Unidos em assuntos estrangeiros." (tradução nossa).

Com o *boom* produtivo representado pelo xisto, os EUA conseguiram diversificar amplamente seus fornecedores de petróleo, sobretudo, no Hemisfério Ocidental. Em 2018, por exemplo, aproximadamente 65% do petróleo importado pelos EUA foi proveniente do Hemisfério Ocidental, em contrapartida aos 15% do Golfo Pérsico. O Canadá foi responsável por 43% do fornecimento total e os demais países do hemisfério foram responsáveis por fatia superior ao Oriente Médio (22% do total), com destaque ao México, Venezuela, Colômbia, Equador e Brasil (EIA, 2020). Neste sentido, a importância estratégica das Américas para os EUA cresceu significativamente na última década, tornando a região (mais uma vez) prioridade nos assuntos de segurança internacional e política externa em Washington. Nas palavras do ex-Secretário de Estado da administração Obama, John Kerry (2013), “*The Americas have become the new center of our global energy map*”.

No entanto, a Segurança Energética dos EUA segue atrelada à estabilidade do mercado petrolífero e, conseqüentemente, da estabilidade do Oriente Médio. Afinal, o mercado de petróleo é globalizado, e qualquer disrupção produtiva em uma parte do mundo repercute em todo o globo. Embora exista potencial para mudanças estruturais nos sistemas de energia pelo mundo, as transições de matriz energética tendem a ocorrer lentamente em escala global, prolongando a relevância do petróleo proveniente do Golfo Pérsico (KRANE, MEDLOCK, 2018; PAGLIARO, 2016; YERGIN, 2012). Sendo assim, a proteção do fluxo petrolífero, sobretudo em águas internacionais com o emprego da marinha estadunidense, seguirá. Vide o discurso de Obama em 2013 para a Assembleia Geral da ONU:

*The United States of America is prepared to use all elements of our power, including military force, to secure our core interests in the region. We will confront external aggression against our allies and partners, as we did in the Gulf War. We will ensure the free flow of energy from the region to the world. Although America is steadily reducing our own dependence on imported oil, the world still depends on the region's energy supply, and a severe disruption could destabilize the entire global economy.*⁹

⁹ “Os Estados Unidos da América estão preparados para usar todos os elementos do nosso poder, incluindo a força militar, para proteger nossos interesses centrais na região. Confrontaremos a agressão externa contra nossos aliados e parceiros, como fizemos na Guerra do Golfo. Garantiremos o livre fluxo de energia da região para o mundo. Embora a América esteja reduzindo constantemente nossa dependência do petróleo importado, o mundo ainda depende do suprimento de energia da região, e uma ruptura severa poderia desestabilizar toda a economia global.” (tradução nossa).

Donald J. Trump, por sua vez, não apenas segue esse movimento de redefinição da política energética estadunidense, como tem rechaçado as ambições das administrações anteriores pela manutenção do ordenamento liberal, compreendendo que a condução da política externa dos EUA deve ser isolacionista e transacional.¹⁰ Obviamente, há incongruências entre discurso e prática do controverso presidente dos EUA. Assim, com os planos de independência energética a todo vapor, para Wright (2019) se pode dizer que os cálculos estratégicos da administração Trump perante o Oriente Médio são passivos de um maior afastamento estratégico na região. Apesar do cenário de instabilidade entre Washington e Teerã (no momento que este artigo é escrito); as grandes preocupações do governo americano estão relacionadas à China: a guerra comercial e a disputa geopolítica no Pacífico e na América Latina.

No caso da América Latina, a postura da administração Trump se tornou ainda mais agressiva com a intensão de retomar a chamada Doutrina Monroe. Rex Tillerson, ex-secretário de Estado de Trump, afirmou em diversas ocasiões a importância estratégica do Hemisfério Ocidental para os interesses geopolíticos dos EUA, e também alertou sobre as ameaças do envolvimento de Rússia e China nos assuntos do Hemisfério: *“the United States will continue to be the Western Hemisphere’s steadiest, strongest, and most enduring partner”*¹¹ (TILLERSON, 2018). Igualmente, John Bolton, ex-assessor de Segurança Nacional, constantemente alertava sobre as ameaças externas ao direito natural de liderança dos EUA na região e conclamava à reativação da Doutrina Monroe: *“The destinies of our nations will not be dictated by foreign powers; they will be shaped by the people who call this Hemisphere home. Today, we proudly proclaim for all to hear: the Monroe Doctrine is alive and well.”*¹² (BOLTON, 2019).

¹⁰ Liderança transacional ou abordagem de negociação transacional é um estilo de liderança, na qual, se buscam a conformidade das contrapartes por meio de recompensas e punições (em uma lógica de soma-zero). Assim, as lideranças transacionais são capazes de manter os seguidores motivados no curto prazo.

¹¹ “os Estados Unidos continuarão sendo o parceiro mais firme, forte e duradouro do Hemisfério Ocidental.” (tradução nossa).

¹² “Os destinos de nossas nações não serão ditados por potências estrangeiras; eles serão moldados pelas pessoas que chamam este hemisfério de lar. Hoje proclamamos com orgulho que todos ouçam: a Doutrina Monroe está viva e bem.” (tradução nossa).

Considerações finais

Através de uma combinação de fatores – geológicos, econômicos, sociais, institucionais e de inovação tecnológica – a exploração do xisto que antes era comercialmente inviável foi desbloqueada e, assim, impulsionou um *boom* produtivo nos EUA. A Revolução do Xisto elevou os EUA ao topo da produção mundial de petróleo e gás natural e, conseqüentemente, alterou drasticamente a balança energética mundial. A Revolução do Xisto alterou ainda significativamente a geopolítica e a geoeconomia global de energia e, sobretudo, elevou o poder relativo dos EUA no campo energético ao reduzir drasticamente sua dependência de petróleo externo – principalmente do Golfo Pérsico – e se tornar exportador de energia.

Assim, houve margem para inúmeras redefinições das prioridades regionais da política externa dos EUA, quer sejam: uma atuação revisada e reduzida no Oriente Médio – sobretudo se comparada às administrações anteriores ao *boom* energético –, e a crescente importância do Hemisfério Ocidental em sua Segurança Energética ao representar 65% de todo o petróleo importado pelos EUA em contrapartida aos 15% do Golfo Pérsico. Por fim, se compreende que esse processo de redefinição da política (energética) externa dos EUA vem sendo radicalizado e acelerado na administração de Donald J. Trump.

No entanto, a Segurança Energética dos EUA segue atrelada à estabilidade do mercado petrolífero e, conseqüentemente, à estabilidade do Oriente Médio. Afinal, o mercado de petróleo é globalizado, e qualquer disrupção produtiva em uma parte do mundo traz efeitos em todo o globo. Sendo assim, a proteção do fluxo petrolífero, sobretudo em águas internacionais com o emprego da marinha estadunidense, seguirá no médio-prazo.

No presente momento, os impactos da pandemia para com a indústria do xisto e o poder estadunidense não estão claros e, inúmeras especulações sobre seus destinos estão sendo postas. Deste modo, se deve separar o que já está em voga e o que poderá acontecer com o Xisto.

Em primeiro lugar, se pode dizer que a abundância petrolífera ocasionada pela Revolução do Xisto e a expansão do petróleo não-convencional contribuiu (mesmo que indiretamente) para uma conjuntura favorável à deflagração da “Guerra de Preços do Petróleo” de 2020. Afinal, os preços internacionais do petróleo

mantinham níveis relativamente baixos ao longo da década de 2010, em parte pelo *boom* produtivo dos novos produtores (com destaque para os EUA). Deste modo, forçando os produtores a competirem ferozmente por mercados consumidores remanescentes – a pandemia radicalizou este processo.

Em segundo, os efeitos evidentes da crise foram nefastos para a indústria, nos quais, a derrocada dos níveis de consumo ocasionadas pelas medidas de contenção à pandemia, níveis históricos de estoques estacionados e a consequente queda abrupta das cotações do petróleo em 2020 colocaram o xisto – petróleo com custo de produção relativamente alto – sob forte pressão; podendo ocasionar diversas falências e quedas significativas na produção dos EUA para o curto-médio prazo. Todavia, não significam a morte deste segmento produtivo, afinal, por ser um método de exploração *sui generis* – com tecnologia consolidada, pulverizado em diversas reservas e empresas, e com rápida instalação de plataformas – a capacidade de retomar os níveis de produção estará atrelada à rentabilidade/cotação do petróleo (podendo a se tornar um setor produtivo mais centralizado/monopolizado ou não).

Por fim, o destino político-energético dos EUA será moldado por inúmeras variáveis, tais como: as eleições deste ano; a estabilidade social nacional; a popularização (ou não) dos carros elétricos; a estrutura do Sistema Internacional e a resposta estadunidense aos dilemas internacionais (isolacionista ou internacionalista); etc.

Referências

ACGRF, **Global and Russian Energy Outlook**, 2016.

BLACKWILL, R., & HARRIS, J. (2016). **War by Other Means: Geoeconomics and Statecraft**. Cambridge, Massachusetts; London, England: Harvard University Press.

BLACKWILL, Robert D.; O'SULLIVAN, Meghan L. "America's Energy Edge: The Geopolitical Consequences of the Shale Revolution." **Foreign Affairs**, vol. 93, no. 2, 2014, pp. 102–114.

BOLTON, John. **Remarks to the Bay of Pigs Veterans Association**, realizado perante a Brigade 2506, 17 de abril de 2019. Disponível em: <<https://cu.usembassy.gov/ambassador-bolton-bay-of-pigs-veterans-association-brigade-2506/>>

BORDOFF, Jason. The American Energy Superpower: Why Dominance Is About More Than Just Production. **Foreign Affairs**. Nova Iorque, p. 1-2. 6 jul. 2017. Disponível em:

Revista de Geopolítica, v. 11, nº 4, p. 33-49, out./dez. 2020.

<<https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2017-07-06/american-energy-superpower>>. Acesso em: 18 ago. 2019.

BP, **Statistical Review of World Energy**, 2019.

BRANDS, Hal. **American Grand Strategy and the Liberal Order Continuity, Change, and Options for the Future**. Washington, D.C: Rand Corporation, 2016.

BUSH, George W. **State of the Union**, realizado perante o Congresso dos Estados Unidos, 31 de janeiro de 2006. Disponível em: <<http://www.presidency.ucsb.edu/ws/index.php?pid=65090>>. Acesso em: 12 de agosto 2019.

CARTER, Jimmy. **State of the Union**, realizado perante o Congresso dos Estados Unidos, 23 de janeiro de 1980. Disponível em: < <http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=33079>>. Acesso em: 12 de agosto 2019.

CHOMSKY, Noam. **Hegemony or Survival – America’s Quest for Global Dominance**. New York: Metropolitan Books, 2003.

DONILON, Tom. United States Energy: Energy and American Power Farewell to Declinism. Nova Iorque: **Foreign Affairs**, 2013. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2013-06-15/energy-and-american-power>>. Acesso em: 15 jun. 2013.

EIA, **International Energy Outlook**, 2005.

_____, **Petroleum & Other Liquids**, 2020. Disponível em: <<https://www.eia.gov/petroleum/>>. Acesso em: 12 de janeiro 2020.

ENGDAHL, William. **A Century of War: Anglo-American oil politics and the new world order**. London Ann Arbor, MI: Pluto Press, 1992.

FUSER, Igor. **Energia e Relações Internacionais**. São Paulo: Editora Saraiva, 2013.

_____, Igor. **Petróleo e poder: o envolvimento militar dos Estados Unidos no Golfo Pérsico**. São Paulo: Editora Unesp, 2008. 254 p.

GRAY, Colin S. **War, peace and international relations: an introduction to strategic history**. London New York: Routledge, 2007

HOOKER, R. D. **Charting a Course: Strategic Choices for a New Administration**. Washington Dc: U.s. National Defense University Press, 2016.

IEA, **World Energy Outlook**, 2016.

_____, **World Energy Outlook**, 2017.

KIM, Y.; BLANK, S. US shale revolution and Russia: shifting geopolitics of energy in Europe and Asia. **Asia Europe Journal**, [s. l.], v. 13, n. 1, p. 95–112, 2014.

KLARE, Michael. **Blood and Oil: How America’s thirst for petrol is killing us**. London: Penguin Books, 2004.

_____, Michael. Energy Conflict and the Resource Curse. In: GRAAF, Thijs van de. **The Palgrave Handbook of the International Political Economy of Energy**. Londres: Palgrave Macmillan, 2016. p. 417-440.

_____, Michael. **Resource Wars: The New Landscape of Global Conflict**. Nova York: Metropolitan, 2001.

KRANE, J.; MEDLOCK, K. B., III. Geopolitical dimensions of US oil security. **Energy Policy**, [s. l.], v. 114, p. 558–565, 2018.

MADHI, A.S.S. **US Foreign Policy and Energy Resources during the George W. Bush administration**. Birmingham: Department of American and Canadian Studies, 2010.

MANNING, Robert A. **The shale revolution and the new geopolitics of energy**. Washington, DC: Atlantic Council, Brent Scowcroft Center on International Security, 2014.

MEDLOCK, K. B.; JAFFE, A. M.; O’SULLIVAN, M. The global gas market, LNG exports and the shifting US geopolitical presence. **Energy Strategy Reviews**, [s. l.], v. 5, p. 14–25, 2014.

NYE Jr, Joseph S.. **Hale Gas Is America's Geopolitical Trump Card**. 2014. Disponível em: <<https://www.wsj.com/articles/joseph-nye-shale-gas-is-americas-geopolitical-trump-card-1402266357>>. Acesso em: 24 ago. 2019.

OBAMA, Barack. **Remarks by President Obama** realizado perante Assembleia Geral da ONU, 24 de setembro de 2013. Disponível em <<https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/2013/09/24/remarks-president-obama-address-united-nations-general-assembly>>, Acesso em: 15 ago. 2019.

OPEP, **World Oil Outlook 2040**, 2017.

PAGLIARULO, Diego. Smart Geopolitics, Dangerous Ideas: Energy security, Ideology, and the Challenges of American Policy in the Persian Gulf. **European Journal Of American Studies**, Bruxelas, v. 11, n. 2, p.1-55, ago. 2016.

PAINTER, David S. “Oil and the American Century.” **The Journal of American History**, vol. 99, no. 1, 2012, pp. 24–39.

RAPHAEL, S.; STOKES, D.. US oil strategy in the Caspian Basin: Hegemony through interdependence. **International Relations**, [s.l.], v. 28, n. 2, p.183-206, 12 maio 2014.

TEMEL, Bülent. FROM VALUE TO POWER: THE RISE OF OIL AS A POLITICAL ECONOMIC COMMODITY. **Turkish Economic Association**, Ankara, v. 1, n. 52, p.1-24, jul. 2012.

THOMAS, A. R. **American Shale Energy and the Global Economy**. [s.l.]: Springer International Publishing, 2018.

TILLERSON, Rex. **Remarks of Secretary of State on U.S. engagement in the Western Hemisphere**, realizado em Austin (Texas), 1 de fevereiro de 2018. Disponível em: <<https://co.usembassy.gov/remarks-secretary-state-rex-tillerson-u-s-engagement-western-hemisphere/>>

Yergin, Daniel. **The Quest: Energy, Security and the Remaking of the Modern World**. Nova Iorque: Penguin Books, 2012.

Revista de Geopolítica, v. 11, nº 4, p. 33-49, out./dez. 2020.

_____, Daniel. The Global Impact of US Shale. **Project Syndicate**. Praga, p. 1-4. 8 jan. 2014. Disponível em: <<https://www.project-syndicate.org/commentary/daniel-yergin-traces-the-effects-of-america-s-shale-energy-revolution-on-the-balance-of-global-economic-and-political-power?barrier=accesspaylog>>. Acesso em: 18 ago. 2019.

_____, Daniel. **The Prize**: The Epic Quest for Oil, Money, and Power. Nova York: Simon & Schuster, 1991.

ZEIHAN, Peter. **The Absent Superpower**: The Shale Revolution and a World Without America. Austin: Zeihan On Geopolitics, 2017.

Data de submissão: 2020-01-07.

Data de publicação: 2020-08-30.